

O Centro Cultural Itaú inaugurou em novembro último a mostra coletiva de design Os Novos Alquimistas. Design brasileiro, bom, uma exposição na qual cada peça se insere com naturalidade e articulada coerência em um contexto linear, contando uma história de cuidadosa qualidade



ALQUIMIA, SUBVERSÃO E RECICLO

Maria Helena Estrada

Fotos Calazans

Já razoavelmente gasta, a palavra "globalização" teima em se colar ao design. Vocábulo que mais sugere do que significa, no design ele se refere tão-somente à grande indústria, aos grandes mercados. Globalizado: diz-se de um produto que deverá ser apreciado, desejado

e consumido pelas mais diversas culturas, da Itália à China, a N. York, por asiáticos, ou ocidentais, por muçulmanos ou católicos, e que deverá ter, sempre, uma necessária dose de pasteurização. Padrões estabelecidos, gosto médio, evoluções lentas e sutis, assimiláveis nos diversos mercados: um fenômeno que acontece no mundo da moda, do design de produtos, sejam estes móveis ou automóveis, objetos de decoração ou utilitários. A grande



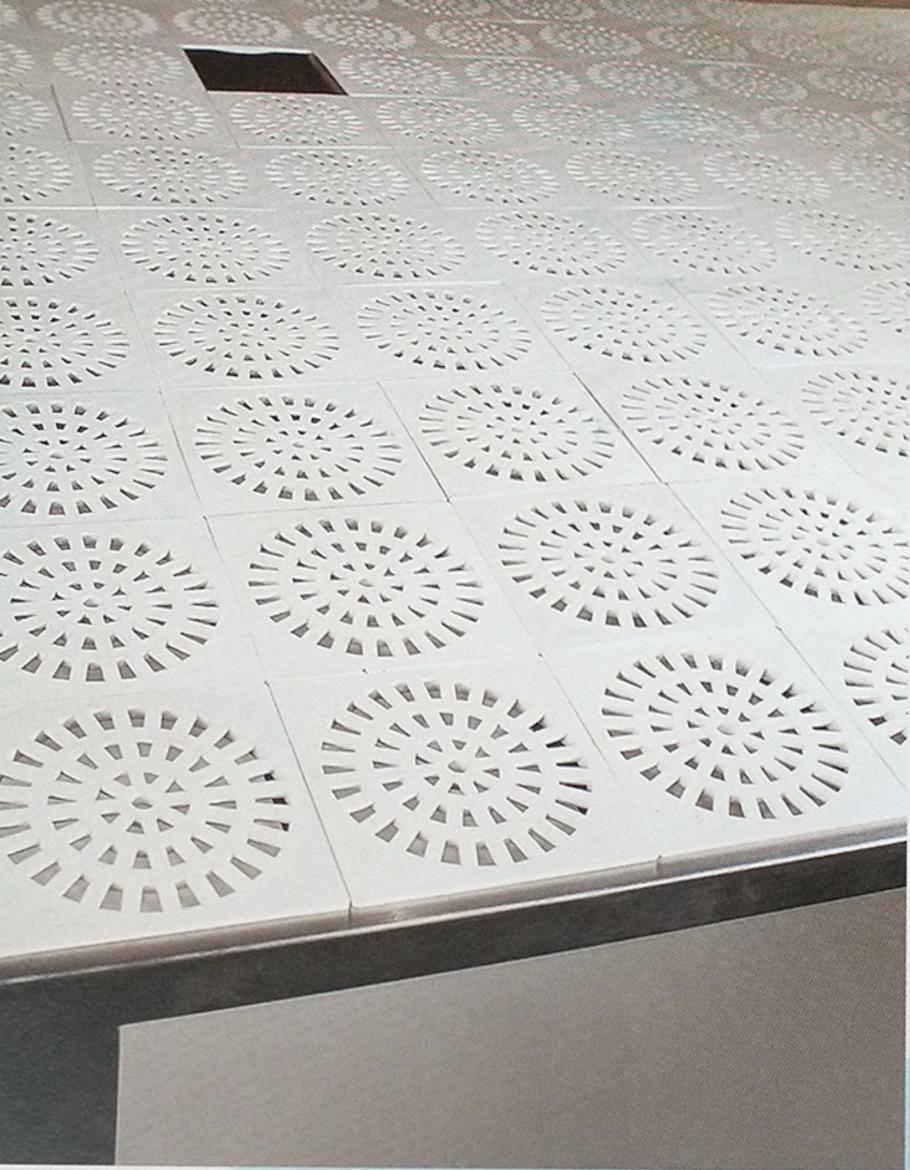
No alto da página, aspecto da montagem da exposição com os pratos de Edu e Beth Prado em primeiro plano. Acima, luminárias 1 Kiluz, de Valter Bahcivanji, que utiliza conchas para pesagem de alimentos, valendo-se da qualidade do polipropileno como difusor da luz

indústria, para sobreviver no mundo sem fronteiras, se impõe limites, se autocensura, se torna futuróloga da hegemonia global.

Tal não é o caso, no entanto, do criador solitário. Este não se preocupa com a estética global, e talvez não conheça nem mesmo o seu mais imediato público. Seu gesto alcança o limite de sua inspiração pessoal; sua obra esbarra na barreira do possível, dos reduzidos meios de que geralmente dispõe. Um gesto singular, que encontra eco em diversos



Garrafas de plástico são transformadas em fios. Com a textura do algodão, esses fios, cujo material é conhecido como PET, são tecidos no tear manual pelo grupo de tecelãs de Espírito Santo do Pinhal, São Paulo, para a coleção da Baobá. As cores são as originais das garrafas, sem tingimento



Fernando e Humberto Campana são os autores da mesa Tatroo, que será lançada em abril pela Schopenhauer durante o Salão do Móvel de Milão, nas versões para interiores e áreas externas. A mesa é feita com ralos de plástico encaixados (mas faltando um quadrado, como toque lúdico) sobre uma estrutura de metal. À direita, luminária Platos Combinados, de Eduardo Jorge, Imanol Ossa e Maurício Castro, realizada em 1999 para um restaurante em Barcelona, tem difusor feito de três pratos de vidro inquebrável e estrutura sustentada por um ralo chinês metálico

cantos do planeta. “A música da floresta, feita do canto dos pássaros solitários”, como dizia há algum tempo Gaetano Pesce, referindo-se à sua obra e à dos artistas de um tempo. É o trabalho do designer que segue sua intuição, e não uma tendência, despreocupado quanto ao resultado. Interessa o fazer. Um fazer que não se limita ao remastigar da própria experiência, mas que atende ao fascínio do novo, do ainda não acontecido. Renova.

Foi com esses pensamentos e uma sensação de grande alegria que deixei a exposição “Os Novos Alquimistas.” O que mais chama a atenção é a unicidade, um seguro fio condutor que une a diversidade em um discurso coerente, habilmente costurado por Adélia Borges.

Subversão do destino primeiro de determinados materiais ou componentes é o tema recorrente da mostra, seja esta realizada com a inversão de uso de objetos cotidianos ou a transmutação da matéria.

Na verdade, faz parte da tradição do artesanato de qualquer cultura primitiva, ou pobre de recursos materiais, a reinvenção e o reciclo. Em “Novos Alquimistas”, no entanto, a

criação não parte da necessidade, mas da vontade de atuar no universo do possível, do que existe ao alcance da mão, seja descarte ou peça ainda em consumo. Não é a mesma estética da necessidade, que viu nascer tantos e tão belos objetos caipiras, como a lamparina e a caneca de lata de óleo, a panela de barro, a colher de pau e a colcha de retalhos. A intenção é, antes de mais nada, formal. Assim como é grande o apuro formal da própria montagem da exposição, de caráter museológico, destacando e valorizando cada objeto.

Fernando e Humberto Campana são, sem dúvida, os designers que melhor estão conseguindo divulgar uma das características mais fortes dessa corrente do design brasileiro, na singeleza das propostas que, graças a seu “traço” seguro, encontram na Europa um público sedento de idéias frescas, de um alfabeto renovado e livre do peso de sua cultura. Também Eduardo Jorge, Imanol Ossa e Maurício Castro com pratos de plástico, uma peneira e mangueira de gasolina criam uma bem-humorada luminária para um restaurante de Barcelona.



Prato Gotas, de 1995, de Eduardo e Beth Prado, em cacos de vidro aglutinados em alta temperatura, nos quais mantém-se a bela textura e transparência dos vidros

Ao fundo, a palha de milho seca que serve de matéria-prima para o tecelão Renato Imbroisi que, com resultados sempre originais, mistura fios sintéticos e naturais, gravetos, avencas ou sementes. A produção é feita em teares manuais no sul de Minas Gerais

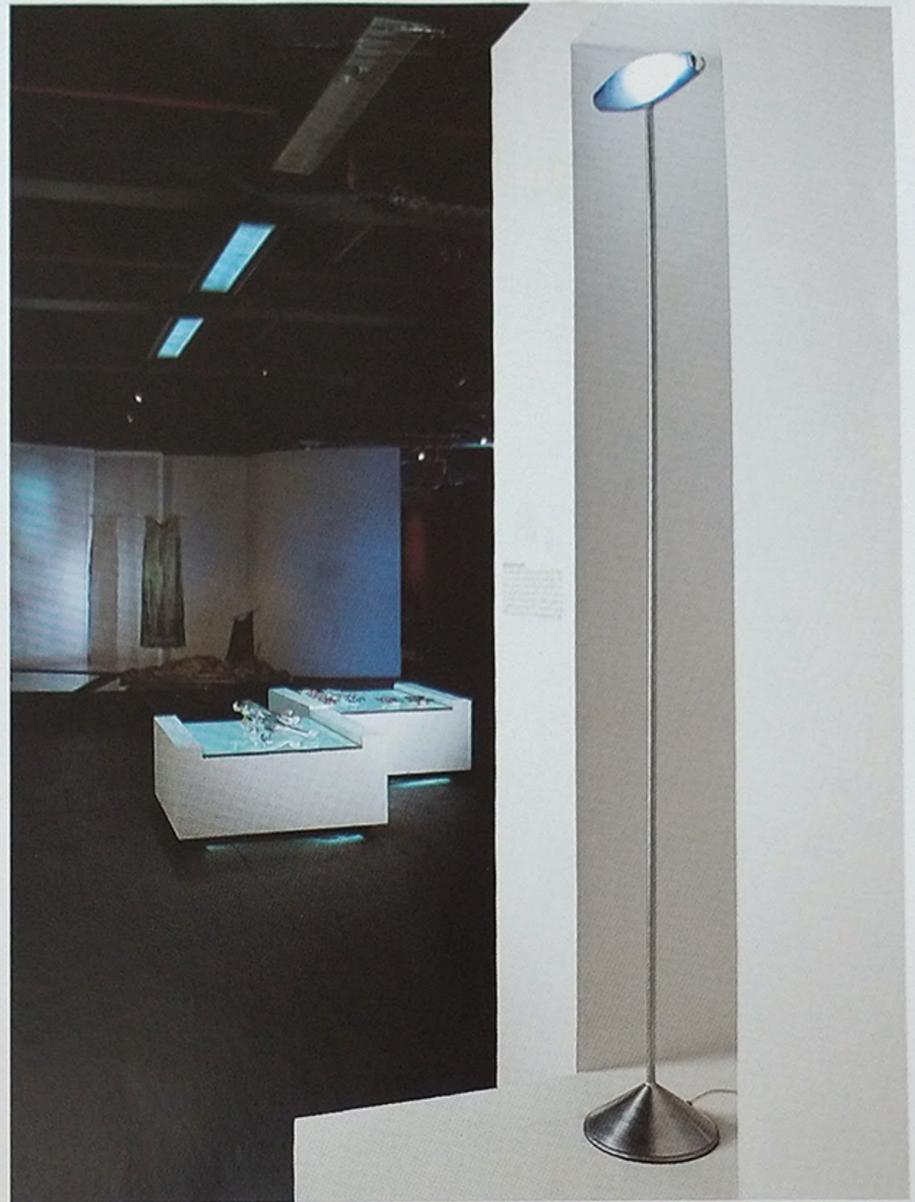


Numa outra vertente, o trabalho da excelente tecelã Daniela Moreau, com fios de PET. Ainda na tecelagem, dois bons designers artesãos, Nido Campolongo e Renato Imbroisi: o primeiro transformando e tecendo o papel, é o segundo colocando no tear tudo que encontra pela frente, do fio de algodão ao graveto, da semente colorida de um fruto à palha seca.

O designer de moda Lino Villaventura trabalha por superposição, formando escamas no tecido com a palha e o barbante. Também a joalheira Tereza Xavier se serve de todo o universo natural, unindo metais nobres e

pedras preciosas às sementes de frutos brasileiros, à palha trancada de arumã, que a designer foi buscar junto aos índios Waimiri-Atroari, de Roraima.

No universo do descarte trabalham Julio Sannazaro, usando as garrafas azuis do vinho alemão; Flavio e Sandro Verdini com Sannazaro usam o tetra pack. Edu e Beth Prado apresentam seus belos pratos em cacos de vidro, que são unidos a quente, e Valter Bahcivanji, que já nos deu um dos melhores produtos de design brasileiro – o tapete de borracha com argolas de plástico usadas na indústria de brinquedos –, apresenta a



luminária 1 Kiluz, em conchas de polipropileno, originalmente destinadas à pesagem de alimentos.

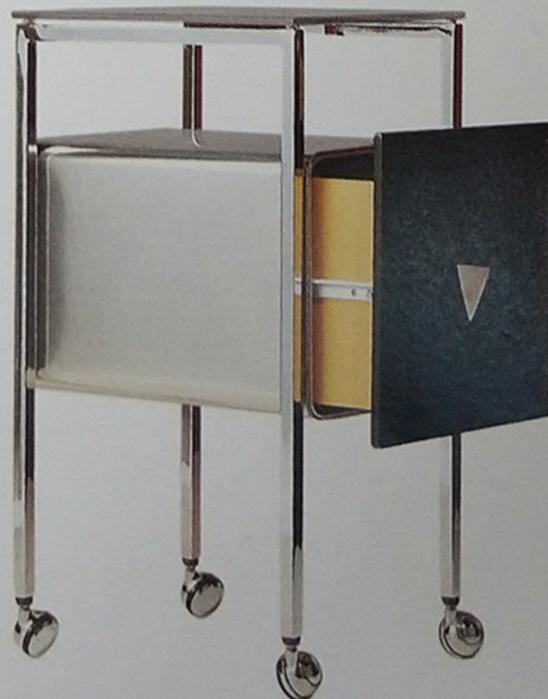
Há ainda objetos anônimos, um cinzeiro feito com latas de refrigerante, um aviãozinho também de lata e um carro que utiliza garrafas plásticas de refrigerante.

“Comum a todos eles é o resultado estético obtido por algum tipo de diálogo – seja entre um material e seu oposto, seja entre uma técnica e/ou um olhar tradicional e outro contemporâneo”, afirma a curadora Adélia Borges.

No livro “Oggetti Risorti: Quando i Rifiuti Prendono Forma” (Objetos Ressuscitados: Quando o Refugo Toma Forma), da

jornalista e crítica Cristina Morozzi, a autora individualiza diversas novas formas de pensar o projeto a partir do reaproveitamento dos materiais, citando a obra dos “pássaros solitários” em diversos pontos da terra. São idéias que partem das teorias do desenvolvimento sustentável ou que, simplesmente, obedecem à vontade criativa dos designers. “As relações”, afirma Morozzi, “entre o que foi o objeto e aquele outro em que se transformou, dependem, em grande parte, do olho do projetista, de sua capacidade de saber ver o vulto oculto das coisas e de intuir as novas possibilidades de vida dos materiais”. ❄

Acima, à esquerda, luminária Babel (1997), à direita no detalhe, luminária Electra (1995), ambas de Julio Sannazzaro, vendo-se ainda detalhe da montagem da exposição. As luminárias são realizadas com garrafas de vidro azuis. Ao lado, o Criado-Lata (1996), Corpo em folha de flandres reaproveitada de galões de tinta, parte frontal da gaveta em aglomerado tetra pack



A exposição “Novos Alquimistas” faz parte do evento “Cotidiano/Arte: O Consumo”, que compreende ainda quatro outras exposições, todas refletindo sobre o sentido da arte quando considerada produto de consumo e vice-versa: “Kitsch”, “Beba Mona Lisa”, “Metamorfose do Consumo” e “Paratodos”.

De 18 de novembro de 1999 a 3 de fevereiro de 2000.
Itaú Cultural: Av. Paulista, 149, São Paulo.
Tel.: (11) 238-1832. E-mail: atendimento@itaucultural.org.br.
A mostra será apresentada este ano em Belo Horizonte, e também na Feira de Hannover e em Berlim, Alemanha, em datas a serem ainda fixadas
Itaú Cultural Belo Horizonte
R. Goitacares, 29 - Centro
De 16 de fevereiro a 7 de abril